Apoio:

Patrocínio:

Realização:

O Bom Estêvão

O Bom Estêvão

Estevão era um rapaz polonês que contaria cerca de vinte anos e que certo dia andava penosamente pela estrada conducente a Smolensko, de onde se achava longe ainda, pois lhe restavam mais de 100 verstas (medida russa, equivalente a 1 063 metros) de caminho.
Achava-se bastante mal vestido: a sua roupa estava muito gasta e rasgada em alguns lugares; calçava alpercatas feitas de casca de árvore e tinha a cabeça mal defendida por um gorro de pele de carneiro.
O pobre rapaz sentia-se exausto devido à longa jornada que fizera e continuava andando com a esperança de chegar a uma povoação antes que anoitecesse para desfrutar de merecido descanso, depois de tomar uma ceia frugal.
Havia bastante tempo que Estêvão empreendera aquela viagem através de uma considerável parte da Rússia, desejoso de voltar para a Polônia, a sua pátria, e desfrutar de um clima mais favorável que o da região setentrional russa onde morava um seu

tio que o teve consigo bastantes anos.
Era um rapaz muito bondoso.
Além disso, Estêvão não tinha parentes nem amigos, com exceção de aquele tio afastado, que o amparou durante alguns anos a partir da morte de sua mãe.
Um dia, porém, quando o jovem completou vinte anos, o tio entregou-lhe três rublos de prata, um cacete e um pequeno embrulho de roupa, dizendo-lhe que fosse ganhar a vida pelo mundo.
Pouco depois do momento em que o apresentamos ao leitor, Estêvão, resolvido a voltar à Polônia, sua pátria, chegou de passagem a uma povoação de pouca importância.
Ao atravessar a praça viu um grupo de gente que rodeava um cadáver deitado na relva.
Aproximou-se, levado pela compaixão e pelo desejo de ser útil, e não tardou em verificar que o cadáver era de uma mendiga que morrera na noite anterior, e que o coveiro se negava a enterrar.
Estêvão perguntou se tratava de uma pessoa de maus sentimentos, mas todos os que rodeavam o cadáver apressaram-se a responder que aquela desgraçada era uma verdadeira bendita de Deus, que em nenhum caso se atrevera a apoderar-se do que não era seu, nem impelida por extrema fome.
- Pois então como se explica que o coveiro não queira enterrá-la? - perguntou o jovem Estêvão.
- Simplesmente porque esta pobre Cirila não deixou nem sequer um copeque (Moeda russa de ínfimo valor) para pagar seu enterro - responderam os componentes do grupo.
- Valha-me Deus! - exclamou Estêvão -. Tão duros

são os corações dos coveiros deste povo? Pois se falta dinheiro para que enterrem essa pobre desgraçada, não tenho inconveniente em contribuir com estes três rublos, que constituem toda a minha fortuna, mas que darei de muito boa vontade para que enterrem essa cristã em campo-santo.
Alguém foi avisar o malvado entregador e este tomou os três rublos, e às pressas enterrou a mendiga Cirila e depois voltou pressuroso para casa a fim de vigiar uma perna de carneiro que estava assando na lareira.
Enquanto isso, Estêvão fez uma cruz com dois ramos, fincou-a sobre a tumba da pobre mendiga e, depois de ter rezado com o pope (Sacerdote russo) umas orações, dirigiu-se a uma hospedaria barata, com o fim de pedir alojamento e de consumir por toda ceia as escassas provisões que levava no surrão.
Na manhã seguinte saiu para continuar sua viagem, e como começasse a sentir fome, lembrou-se tristemente de que haviam terminado suas provisões, e que não lhe restava coisa alguma que comer.
Olhou em volta, à procura de uma planta ou de uma fruta que lhe servisse de alimento, mas, vendo que nada achava e que não dispunha de nenhum meio de acalmar sua fome, murmurou consigo:
- Os passarinhos são mais felizes que os homens; para nada necessitam de hospedarias, nem de ninguém que se ocupe de preparar alimento algum, porque a terra se estende a seus pés como se fosse uma mesa bem servida; as moscas encontram facilmente caça para manter-se, mel nas flores e

multidão de frutos para chupar, e podem usar de tudo isto sem pedir nem pagar. Da mesma forma que os passarinhos, são absolutamente felizes durante toda a sua vida.

Estêvão continuou andando por algum tempo, e, afinal, sentou-se à sombra de um grande carvalho e adormeceu.

Em sonho lhe apareceu de repente uma fada magnificamente vestida com um traje suntuoso cheio de pedrarias, que lhe disse:

- Sou a fada Cirila, que quis pôr à prova o coração duro de certas pessoas fazendo-me passar por mendiga. Estêvão, você foi bonzinho para mim, foi o único que de mim se apiedou quando fiquei insepulta, atirada na praça. Devo-te recompensa por isso.

"Escuta. A pouca distância daqui e rodeada de prados há uma propriedade que reconhecerás facilmente pelo seu catavento verde e vermelho. Habita ali um nobre ancião chamado Nicolau Petrovitch, pai de uma garota formosa como o dia e amável e suave como um recém-nascido. Esta mesma tarde bate à sua porta e deixe-lhe que vais ali com o fim que ele muito
bem sabe. Receber-te-á com agrado e tu mesmo compreenderás o resto. Lembra-te que, se tiveres necessidade de algum auxílio, convirá que me chames dizendo: "Acode mendiga morta, pois agora preciso de ti."

Pronunciadas estas palavras, a fada Cirila desapareceu, e Estêvão despertou e abriu os olhos. Seu primeiro cuidado consistiu em dar graças a Deus pela proteção que lhe enviava, e

imediatamente pôs-se a caminho, em busca daquela mansão.
Como a fada não lhe indicara a direção em que se achava, subiu ao alto de uma colina e dali inspecionou a paisagem em redor. Não tardou em descobrir a casa indicada, que ficava para o oriente, a uma distância de quatro ou cinco verstas.
E' preciso levar em conta que Estêvão dormira quatro ou cinco horas, de modo que naquele momento deviam ser mais ou menos quatro e meia ou cinco horas da tarde, e o sol começava a declinar no poente.
Desceu a colina e pôs-se a caminho na direção conveniente, de modo que no fim de pouco mais de uma hora viu-se diante da formosa casa, em cuja torre girava um catavento verde e vermelho e cujo aspecto geral era verdadeiramente esplêndido.
Penetrou numa avenida de castanheiros que o conduziu à porta principal da mansão, e quando esta se abriu à sua batida, encarregou o criado de avisar ao dono da casa que ele chegava com o fim que este último sabia muito bem.
O proprietário não tardou em ser avisado.
Apresentou-se meneando a cabeça, porque era um homem velho e enfermo, e ao andar se apoiava ao ombro da filha, que era jovem e formosa.
Ambos saudaram afavelmente o jovem Estêvão e fizeram-no entrar em casa e tomar assento diante da cadeira do ancião. Depois lhe serviram um jarro de cerveja e um pouco de pão, para esperar a hora da ceia.
Estêvão estranhava bastante a acolhida que lhe fora feita, e, enquanto isso, sentia-se feliz em

poder contemplar a mocinha, linda como uma rosa, que atendia a todos os preparativos, indo de um lado para outro com a maior alegria e cantando como uma calhandra.
Por fim, quando foi posta a ceia, o ancião ordenou à sua filha Marta que o servisse, e, depois de satisfazer a fome, voltou-se para Estêvão, dizendo:
- Tratamos-te o melhor que nos foi possível e de acordo com a nossa fortuna, mas não como desejáramos, porque a casa dos Petrovitch sofre uma verdadeira maldição há muito tempo. Possuíamos antigamente vinte cavalos e até quarenta vacas, mas certo perverso mago se apoderou dos estábulos e cavalariças, e todo o gado desapareceu, sendo completamente inútil que eu gastasse toda a minha fortuna para reconstituí-lo. Minhas orações e as de minha filha, para conjurar a perseguição do infame mago, foram até agora de todo ponto vãs, e como não temos gado de nenhuma espécie, nossas terras estão incultas. Eu esperava e confiava em meu sobrinho Fiodor, que foi guerrear contra os turcos, mas como não volta, mandei apregoar por toda a comarca que, quem for capaz de fazer desaparecer a maldição que pesa sobre minhas propriedades, casará com minha filha Marta e herdará todos os meus bens.
Apresentaram-se alguns, desejosos de levar a cabo a empresa; para isso foram passar a noite na cavalariça, de onde desapareceram vacas e cavalos, mas na manhã seguinte se verificou que eles também se desvaneceram como se fossem de fumaça e nunca mais se soube de seu paradeiro. Por conseguinte espero que terás mais sorte que

teus predecessores.
Estêvão, a quem tranqüilizava bastante a lembrança da fada, respondeu que esperava poder triunfar do perverso mago. Pediu que lhe proporcionassem lenha suficiente para acender uma fogueira e conservar a agilidade de seus membros; tomou o cacete e depois rogou a Marta se lembrasse dele em suas orações.
O barracão a que o levaram estava dividido em duas partes, uma para as vacas e outra para os cavalos. Mas o lugar estava completamente deserto e as aranhas teceram suas teias em toda a parte.
Estêvão acendeu uma fogueira sobre umas pedras e depois se entregou às orações.
Durante o primeiro quarto de hora somente ouviu os estalidos da lenha. Depois os tristes sibilos do vento que penetrava pelas gretas da porta; no terceiro quarto de hora só lhe chegou aos ouvidos o leve ruído dos cupins que devoravam as vigas; mas, no último quarto, ouviu um ruído surdo vindo do chão, e no canto mais escuro observou que se levantava uma lousa e aparecia a cabeça de um lobo de corpulência extraordinária e horrível aspecto. Tinha quase o tamanho de um asno e seus olhos brilhavam como se fossem carvões acesos.
Aquela terrível fera soltou um grunhido horroroso e, saindo do buraco, dirigiu-se para o lugar em que se achava Estêvão.
Embora este fosse um rapaz corajoso, sentiu um frio invadir-lhe todo o corpo, e quando já o hálito do animal se fazia sentir sobre seu rosto, exclamou: “Acode, mendiga morta, pois agora preciso de ti.”
No mesmo instante apareceu a figura luminosa da

fada, que lhe disse, pondo-se a seu lado:
- Nada temas, pois os protegidos das fadas vencerão sempre os monstros da terra.
Dizendo isto, Cirila estendeu a mão, pronunciou algumas palavras mágicas, e imediatamente o lobo caiu morto.
O resto da noite passou com toda a tranqüilidade, e no dia seguinte, quando o sol saiu, Estêvão foi despertar os moradores da casa e os levou à cavalariça. Ao verem o cadáver do lobo monstruoso, os mais destemidos retrocederam dez passos.
- Não tenham medo de nada - disse-lhes o jovem -. A fada Cirila me ajudou e o monstro que devorava o gado e seus guardiões já não passa de uma carantonha. Tragam cordas e levem-no, arrastado, até um lugar qualquer em que possa servir de pasto aos urubus.
O dono da casa, muito feliz por se ver livre de tão perigoso inimigo, não pensou um momento sequer em faltar à promessa que fizera na noite anterior, e assim deu a Estêvão sua filha Marta em casamento.
Uma vez casado com Marta, Estêvão se apressou em comprar gado, alugou criados e trabalhadores e as terras da fazenda alcançaram um valor muito maior do que tinham antes.
E parecia que o velho proprietário da fazenda esperava somente tal estado de coisas para morrer, porque certo dia o encontraram morto em sua cama, depois de haver dormido tranqüilamente na paz do Senhor.
O jovem casal herdou todos os seus bens, e era tanto o afeto que mutuamente se professavam e a bondade de seus respectivos caracteres, e sentiam-

se tão felizes, que por nada no mundo teriam trocado de sorte. Com efeito, ao chegar a noite, nada tinham que pedir a Deus, e unicamente se limitavam a agradecer-lhe todas as suas bondades.
Mas sucedeu que, certo dia, quando iam sentar-se à mesa para cear, em companhia de seus criados e trabalhadores, uma empregada fez entrar um soldado de estatura gigantesca, tanto que sua cabeça quase roçava nas vigas do teto. Marta deu um grito de alegria ao reconhecer seu primo Fiodor.
Acabava de chegar da guerra contra os turcos e propunha-se casar com a prima. Mas, pouco antes de chegar à casa, inteirou-se do que ocorrera durante sua ausência, e estas notícias lhe deram um verdadeiro acesso de raiva. Contudo teve tempo de se acalmar e se esforçou por consegui-lo, com o desejo de que nem sequer os recém-casados suspeitassem, porque era um homem tão hipócrita como perverso e cruel.

Estêvão não desconfiava, naturalmente, de coisa alguma. O fato de aquele gigante ser primo de sua mulher era suficiente para ele, e assim o tratou do melhor modo possível. Ordenou que lhe preparassem o melhor quarto da casa, e, na manhã seguinte, levou-o a visitar a fazenda, cujos campos estavam cultivados na sua totalidade e prometiam a mais esplêndida colheita.

Fiodor, longe de se alegrar em ser testemunha da prosperidade de sua prima e de Estêvão, sentia os aguilhões da inveja ao ver como o trigo e o linho estavam crescidos, e mais o irritava a idéia de que tudo aquilo não fosse seu.

Um dia convidou Estêvão para caçar nas dunas que

havia a pouca distância e o conduziu a um brejal longínquo, onde se erguia um moinho de vento abandonado.
Subindo a ele, Fiodor voltou-se na direção em que ficava a fazenda dos primos, exclamando ao mesmo tempo :
- Demônio! Daqui se pode ver tua casa com seu enorme pátio.
- De onde'! - perguntou Estêvão.
- Olha bem. Ai atrás desse bosque de faias. Não vês as janelas da sala!
- Não tenho bastante estatura para isso - respondeu Estêvão.
- Com mil bombas! Tens razão! - exclamou Fiodor -. E é uma pena, porque também posso divisar minha prima perto do jardim.
- Está só?
- Não. Parece-me que está falando com uma senhora muito formosa com aspecto de fada.
Estêvão pôs-se nas pontas dos pés.
- Como eu gostaria de ver a minha esposa falando com a fada! - disse.
- Demônio! Não é difícil! - replicou Fiodor -. Sobe ao cimo daquele moinho e então estarás mais alto que eu.
Estêvão aceitou o conselho e subiu pela velha escada. Quando chegou lá em cima, o primo perguntou-lhe o que via.
- Nada mais senão árvores que parecem não ser mais altas que o trigo de dois meses - respondeu -. E depois algumas casas tão pequeninas que se assemelham às pedras que há à margem do rio.
- Oh! deves olhar mais perto de nós! - disse Fiodor.

- Não vejo senão o rio com as barcas que vão de um lado para o outro, singrando as águas.
- Mais perto ainda - disse Fiodor -. Em baixo de onde estás.
- Em baixo de onde estou? - exclamou Estêvão, já assustado -. Abaixo de mim, em lugar da escada que me permitiria descer, não vejo senão chamas que me vão devorar.
Com efeito isso era verdade, porque Fiodor retirara a escada, pondo fogo a uns pedaços de lenha que havia ali, de modo que o velho moinho ameaçava transformar-se em enorme braseiro.
Estêvão suplicou aquele homem gigantesco que não o deixasse morrer de modo tão cruel, mas Fiodor voltou-lhe as costas e, assobiando alegremente, desceu a colina.
À vista disso o jovem, que já respirava com dificuldade, repetiu a invocação: "Acode, mendiga morta, pois agora preciso de ti."
No mesmo instante apareceu a fada, trazendo na mão direita um arco-íris, cujos extremos gotejavam abundante orvalho, e na outra mão levava a escada de Jacó que une a Terra ao Céu.
O arco-íris apagou o incêndio e Estêvão utilizou a escada para descer, e assim pôde regressar sem sofrer nenhum dano.
Ao vê-lo, Fiodor ficou assombrado e atemorizado. Estava certo de que seu primo o denunciaria aos juízes, e assim foi em busca de seu cavalo e das armas de guerra, mas quando se dispunha a sair do pátio, Estêvão se aproximou e lhe disse:
- Não tenhas nenhum medo, primo, porque ninguém na terra saberá do que aconteceu. Tinhas o coração

enfermo ao ver que Deus me dera mais
prosperidade que a ti, mas quero curar teu coração.
A partir de hoje, e enquanto eu viver, terás direito à metade de minhas riquezas atuais e de todos os bens que no
futuro possa adquirir. Assim, pois, querido primo, não tenhas nenhum mau propósito contra mim.
Estêvão era homem de boa fé; quis dar-lhe, no entanto, maior garantia, e fez redigir uma ata de doação perfeitamente legal e testemunhada, como é devido.
A partir de então Fiodor recebeu cada mês a metade de tudo o que os campos, o curral e os estábulos produziam.
Mas aquele ato de generosidade de Estêvão só serviu para envenenar mais ainda o coração de Fiodor, porque os benefícios imerecidos parecem-se com a cerveja que se bebe quando não há sede: não proporciona alegria nem proveito.
Agora a morte de Estêvão não lhe interessava mais, porque então perderia toda a participação de seus bens; mas o odiava do mesmo modo, como o lobo enjaulado odeia o amo que lhe dá de comer.
O que aumentava, porém, a sua cólera, era que tudo contribuía para dar maior prosperidade ao seu primo. Para ser feliz só lhe faltaria um filho, e, com efeito, não tardou em ter um lindo menino, sendo a sua madrinha a fada Cirila.
Estêvão, extremamente venturoso, convidou todos os nobres e proprietários da comarca para assistirem ao banquete, e este foi tão esplêndido que, sem dúvida, para um príncipe não se faria melhor.

Estava toda a gente reunida no pátio da casa, quando Fiodor se apresentou no aposento do menino, com o rosto animado de feroz alegria.
Ao ver sua entrada, a mãe que se achava deitada com o filho deu um grito, mas ele se aproximou curvando-se para não bater com a cabeça nas vigas do teto, e, depois de cumprimentar a prima, agradeceu-lhe pelo presente que lhe acabavam de fazer.
- Que presente? - perguntou assustada a pobre mulher, ao mesmo tempo sentindo um medo horrível por suspeitar que tais palavras ocultavam uma intenção sinistra.
- Não acabais de aumentar a vossa fortuna e felicidade com esse menino?
- perguntou o feroz cossaco -. Não é sim filho o bem mais prezado que se pode receber?
- Assim é - replicou Marta, pálida de medo.
- Pois sabe que existe uma ata legal e perfeitamente válida, que me atribui a metade das riquezas de Estêvão e assim mesmo de toda classe de bens que por ele cheguem a ser adquiridos - replicou Fiodor -. E por conseguinte, venho reclamar a metade do menino.
Marta soltou um grito de susto e suplicou-lhe que desistisse da sua desumana pretensão, mas Fiodor repetiu tranqüilamente que exigia a parte que lhe cabia da criança e acrescentou que se lha negassem, faria justiça pelas suas mãos.
Depois, mostrou um grande facão, que trazia com o infame propósito de dividir o filho de sua prima.
O bárbaro cossaco ia já apoderar-se do menino, quando Estêvão, atraído pelas vozes, penetrou no

aposento.
Estêvão encontrava-se desarmado. Nos olhos de Fiodor leu a inexorável resolução de perpetrar tão horrível crime.
- Acode, mendiga morta! - clamou angustiado, - pois agora preciso de ti!
Mal pronunciara esta invocação, a fada Cirila, refulgente e formosa, porém severa e decidida como uma rainha que se dispõe a castigar um malvado, surgiu no aposento.
O facão com que Fiodor ia brutalmente partir em dois o menino que se achava deitadinho junto da mãe, transformou-se, de repente, em uma vara de nardos.
Com ela, o infame, que queria matar, não fez mais do que acariciar o tenro infante.
- O castigo que te imponho . . . castigo por demais leve, pois merecias que te transformasse em pedra, em animal selvagem ou em monstro das entranhas da terra, - disse Cirila, dirigindo-se ao cruel cossaco, - é que cada vez que tomes uma arma nas mão;, o ferro homicida se transformará em uma flor. Nunca, pois, poderás ferir ninguém. E... ou te arrependes dos teus criminosos instintos, ou morrerás desesperado e vendo que te é impossível fazer o mal. E se tentares fazê-lo com tuas próprias mãos, estas se transformarão instantaneamente em plantas e ficarão para sempre presas por fortes raízes à terra.
“Agora, sai daqui e nunca mais tornes a pisar o umbral desta casa, se não quiseres ver-te transformado em trepadeira ou parietal que dê perene sombra à sua entrada!

“Pelo que esperas? - insistiu a impaciente fada, vendo que Fiodor não se movia. - Queres que te transforme em um arbusto que adorne com suas vistosas flores esta alcova, e faça sorrir alegre esse menino, a quem, cruelmente, como novo Herodes, querias matar?
“Desaparece! E que não fique nem a marca dos teus pés no pó da estrada!
No mesmo instante, Fiodor, o gigantesco cossaco, sentiu-se levantando do chão, como se fosse um gatinho e empurrado por mão invisível para a saída.
Depois, quando chegou lá fora, ao ar livre, um fortíssimo vento, que se levantou de repente, atirou Fiodor longe, muito longe, sem que a marca dos seus pés ficasse no caminho, do qual se erguia o pó, em redemoinhos cegantes.
Desde esse dia o pequeno Henrique cresceu lindo e forte, sem que, as enfermidades nem os homens se metessem com ele. Sua madrinha, a boa fada Cirila, tomara-o sob a sua proteção.
E seus pais; vendo-o tornar-se homenzinho, sentiam-se os sêres mais felizes deste mundo.
E já velhos, voltaram à Polônia, onde o jovem Henrique chegou a alcançar a dignidade de príncipe, e por seus feitos guerreiros foi proclamado benemérito da pátria e granjeou o afeto e a admiração dos seus conterrâneos.

FIM